# Lição 14: Problemas e erros dos antigos que brotam da ignorância da matéria são resolvidos

*Bekker: 191 a 23-b 34*

> *OS PROBLEMAS E OS ERROS DOS ANTIGOS QUE BROTAM DE UMA IGNORÂNCIA DA MATÉRIA SÃO RESOLVIDOS PELA VERDADE SOBRE OS PRINCÍPIOS JÁ DETERMINADOS*

120. Tendo determinado a verdade sobre os princípios da natureza, o Filósofo aqui exclui certas dificuldades dos antigos por meio do que foi determinado sobre os princípios.

Ele considera primeiro os problemas ou erros que decorrem de uma ignorância da matéria, e em segundo lugar, onde ele diz, 'Outros, de fato...' (191 b 35; L15 #129), os problemas ou erros que decorrem de uma ignorância da privação. Em terceiro lugar, onde ele diz, 'A determinação precisa...' (192 a 34; L15 #140), ele reserva para outra ciência os problemas que surgem com referência à forma.

Concernente à primeira parte, ele faz duas considerações. Primeiro, ele expõe o problema e o erro no qual os antigos incorreram por sua ignorância da matéria. Segundo, onde ele diz, 'Nossa explicação...' (191 a 33 #122) ele responde à dificuldade deles por meio daquelas coisas que já foram determinadas.

121. Ele diz, portanto, primeiro que, tendo determinado a verdade sobre os princípios, deve ser apontado que somente desta forma toda dificuldade dos antigos é resolvida. E isto é uma indicação de que o que foi dito sobre os princípios é verdadeiro. Pois a verdade exclui toda falsidade e dificuldade. Mas dada uma posição que é de alguma forma falsa, alguma dificuldade deve permanecer.

Agora, o problema e o erro dos filósofos antigos era este. Os primeiros que filosoficamente buscaram a verdade e a natureza das coisas foram desviados para um caminho diferente do

caminho da verdade e do caminho da natureza. Isto lhes aconteceu por causa da fraqueza de seu entendimento. Pois eles disseram que nada se gera ou se corrompe. Isto é contrário à verdade e contrário à natureza.

A fraqueza de seu entendimento os forçou a manter esta posição porque eles não sabiam como resolver o seguinte argumento, segundo o qual parecia estar provado que o ser não é gerado. Se o ser vem a ser, ele vem a ser ou a partir do ser ou a partir do não-ser. E cada um destes parece ser impossível, i.e., que o ser venha a ser a partir do ser ou que venha a ser a partir do não-ser. É claramente impossível que algo venha a ser a partir do ser, porque aquilo que é não vem a ser, pois nada é antes que venha a ser. E o ser já é, logo, não vem a ser. É também claramente impossível que algo venha a ser a partir do não-ser. Pois é sempre necessário que haja um sujeito para aquilo que vem a ser, como foi mostrado acima [L12 #107]. Do nada, nada vem a ser. E disto se concluiu que não há nem geração nem corrupção do ser.

E aqueles que argumentaram desta forma exageraram sua posição ao ponto de dizer que não há muitos seres, mas apenas um ser. E eles disseram isto pela razão já dada. Uma vez que sustentavam que há apenas um princípio material, e uma vez que diziam que nada é causado a partir daquele único princípio por via de geração e corrupção, mas apenas por via de alteração, então segue-se que ele seria sempre um segundo a substância.

122. Em seguida, onde ele diz, 'Nossa explicação...' (191 a 33), ele responde à objeção que acabamos de mencionar. Sobre isto, ele faz duas considerações. Primeiro, ele responde à objeção supracitada de duas maneiras. Segundo, onde ele diz, 'Assim como dissemos...' (191 b 30 #128), ele tira a conclusão que tem em mente como principal.

O primeiro ponto é dividido em duas partes de acordo com as duas soluções dadas, a segunda das quais é encontrada onde ele diz, 'Outra consiste em...' (191 b 28 #127).

123. Ele diz, portanto, primeiro que, no que diz respeito ao modo de falar, não faz diferença se dizemos que algo vem a ser a partir do ser ou do não-ser, ou que o ser ou o não-ser faz algo ou sofre algo, ou qualquer outra coisa, ou se dizemos este mesmo tipo de coisa sobre um médico; a saber, que o médico faz algo ou sofre algo, ou que algo é ou vem a ser a partir do médico.

Mas dizer que o médico faz algo ou sofre algo, ou que algo vem a ser a partir do médico, tem dois significados. Portanto, dizer que algo vem a ser a partir do ser ou do não-ser, ou que o ser ou o não-ser faz algo, ou sofre algo, tem dois significados. E o mesmo é verdadeiro independentemente dos termos que são usados; e.g., pode-se dizer que algo vem a ser a partir do branco, ou que o branco faz algo ou sofre algo.

Que há um duplo significado quando usamos expressões como o médico faz algo ou sofre algo, ou que algo vem a ser a partir do médico, ele mostra como segue.

Dizemos que um médico constrói. Mas ele não faz isso enquanto médico, mas enquanto construtor. E de modo semelhante, dizemos que o médico se torna branco, mas não enquanto médico, mas enquanto é negro. Contudo, em outro sentido, dizemos que o médico cura enquanto médico, e de modo semelhante, que o médico se torna não-médico enquanto médico. Assim, dizemos própria e *per se* que o médico faz algo ou sofre ação, ou que algo vem a ser a partir do médico, quando

atribuímos isso ao médico enquanto médico. Mas quando algo lhe é atribuído *per accidens*, não é enquanto médico, mas enquanto é outra coisa. Portanto, é claro que quando se diz que o médico faz algo ou sofre ação, ou que algo vem a ser a partir do médico, isso tem dois significados, a saber, *per se* e *per accidens*.

Donde é claro que quando se diz que uma coisa vem a ser a partir do não-ser, isso deve ser entendido própria e *per se* se essa coisa deve vir a ser a partir do não-ser enquanto não-ser. E o mesmo argumento se aplica ao ser.

Mas os antigos, falhando em perceber essa distinção, erraram na medida em que pensaram que nada vem a ser. E não pensavam que algo além de seu primeiro princípio material tivesse existência substancial. Por exemplo, aqueles que disseram que o ar é o primeiro princípio material sustentavam que todas as outras coisas significam uma certa existência acidental. Assim, excluíram toda geração substancial, retendo apenas a alteração. Pelo fato de que nada vem a ser *per se* nem do não-ser nem do ser, pensaram que não seria possível que algo viesse a ser a partir do ser ou do não-ser.

124. E também dizemos que nada vem a ser a partir do não-ser simples e *per se*, mas apenas *per accidens*. Pois aquilo que é, isto é, o ser, não é a partir da privação *per se*. E isso porque a privação não entra na essência da coisa feita. Antes, uma coisa vem a ser *per se* a partir daquilo que está na coisa depois que ela já foi feita. Assim, o moldado vem a ser a partir do não-moldado, não *per se*, mas *per accidens*, porque uma vez que já foi moldado, o não-moldado não está nele. Mas esta é uma maneira notável de uma coisa vir a ser a partir do não-ser, e parecia impossível aos filósofos antigos. Portanto, é claro que uma coisa vem a ser a partir do não-ser não *per se*, mas *per accidens*.

125. De modo semelhante, se se pergunta se uma coisa vem a ser a partir do ser, devemos dizer que uma coisa vem a ser a partir do ser *per accidens*, mas não *per se*. Ele mostra isso pelo seguinte exemplo.

Suponhamos que um cachorro seja gerado a partir de um cavalo. Concedendo isso, é claro que um certo animal vem a ser a partir de um certo animal, e assim animal viria a ser a partir de animal. No entanto, animal não viria a ser a partir de animal *per se*, mas *per accidens*. Pois não vem a ser enquanto animal, mas enquanto este animal. Pois o animal já é antes que o cachorro venha a ser. Pois o cavalo já é, mas não é um cachorro. Logo, o cachorro vem a ser *per se* a partir daquilo que não é um cachorro. E se animal viesse a ser *per se*, e não *per accidens*, seria necessário que viesse a ser a partir de não-animal.

E o mesmo é verdade quanto ao ser. Pois um ser vem a ser a partir daquele não-ser que não é aquilo que o ser vem a ser. Logo, uma coisa não vem a ser *per se* a partir do ser ou *per se* a partir do não-ser. Pois esta expressão *per se* significa que uma coisa vem a ser a partir do não-ser no sentido de que vem a ser a partir do não-ser enquanto não-ser, como foi dito [#123]. E assim, quando este animal vem a ser a partir deste animal, ou quando este corpo vem a ser a partir deste corpo, nem todo animal ou não-animal, nem todo corpo ou não-corpo, é removido daquilo a partir do que a coisa vem a ser. E igualmente, nem todo ser [esse] nem todo não-ser [non-esse] é removido daquilo a partir do que este ser vem a ser. Pois aquilo a partir do que o fogo vem a ser

possui algum ser, porque é ar, e também possui algum não-ser, porque não é fogo.

126. Esta, então, é uma maneira de resolver o problema levantado acima. Mas esta abordagem não é suficiente. Pois se o ser vem a ser *per accidens* tanto do ser quanto do não-ser, é necessário postular algo a partir do que o ser vem a ser *per se*. Pois toda coisa que é *per accidens* é reduzida àquilo que é *per se*.

127. Para designar aquilo a partir do que uma coisa vem a ser *per se*, ele acrescenta uma segunda abordagem onde diz: 'Outra consiste...' (191 b 28).

Ele diz que a mesma coisa pode ser explicada em termos de potência e ato, como é claramente indicado em outro lugar, i.e., na *Metafísica*, IX:1. Assim, uma coisa vem a ser *per se* a partir do ser em potência; mas uma coisa vem a ser *per accidens* a partir do ser em ato ou do não-ser.

Ele diz isso porque a matéria, que é o ser em potência, é aquilo a partir do que uma coisa vem a ser *per se*. Pois a matéria entra na substância da coisa que é feita. Mas a partir da privação ou da forma precedente, uma coisa vem a ser *per accidens* na medida em que a matéria, a partir da qual a coisa vem a ser *per se*, acontecia de estar sob tal forma ou sob tal privação. Assim, uma estátua vem a ser *per se* a partir do bronze; mas a estátua vem a ser *per accidens* tanto a partir daquilo que não tem tal forma quanto a partir daquilo que tem outra forma.

128. Finalmente, onde ele diz: 'Assim como dissemos...' (191 b 30), ele tira a conclusão que tinha em mente como principal. Ele diz que podemos verdadeiramente afirmar que todas as dificuldades são respondidas pelo que foi dito acima. Impelidos por certas dificuldades, alguns dos antigos negaram algumas das coisas mencionadas acima, i.e., a geração e a corrupção, e uma pluralidade de coisas substancialmente diferentes. Mas uma vez que a matéria é compreendida, toda a sua ignorância é removida.

---

Revision #2
Created 27 September 2026 17:38:13 by Admin
Updated 1 October 2026 23:35:29 by Admin